

Vertebrados da Ilha de Raton Grande, Santa Catarina, Brasil

¹ Maurício Eduardo Graipel

^{1,2} Jorge José Cherem

³ Denize Alves Machado

⁴ Paulo Cristiano Garcia

^{1,2} Milton Engel Menezes

^{1,2} Marcio Soldateli

¹ Departamento de Ecologia e Zoologia - CCB, Universidade Federal de Santa Catarina - 88.040-970 - Florianópolis - SC, Brasil.

² Bolsistas do Depto. de Apoio à Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Dinâmica Projetos Ambientais Ltda. R. Jerônimo Coelho, 280/403 Centro - 88010-030 Florianópolis - SC, Brasil.

⁴ Rua Tenente Silveira, 834, apto. 1004 - Centro, 88010-302 Florianópolis - SC, Brasil.

Aceito para publicação em 11/07/97.

Resumo

No período de abril de 1995 a março de 1996, foram realizadas saídas mensais onde registraram-se as espécies silvestres de anfíbios, répteis, aves e mamíferos na Ilha de Raton Grande (27°29'30"S e 48°36'42" W). A Ilha possui uma superfície de 194.180 m², o maior comprimento é de 1.050 m e a maior largura de 280 m. Localiza-se entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, tendo como formação vegetal predominante Floresta Atlântica secundária. Foram identificadas uma

espécie de anfíbio, quatro de répteis, 51 de aves, sendo duas delas introduzidas, e três de mamíferos. A baixa diversidade de vertebrados é atribuída principalmente à inexistência de fontes naturais de água doce e à ocupação humana e conseqüente degradação ambiental.

Unitermos: Amphibia, Reptilia, Aves, Mammalia, Ilha de Ratonés Grande, Brasil

Summary

Monthly trips to Ratonés Grande island (27°29'30"S and 48°36'42"W) were made from April 1995 to March 1996 to record amphibian, reptile, bird, and mammal species. The island surface is of 194,180 m², measuring 1,050 meters at its largest length and 280 meters at its widest part. It is located between the Island of Santa Catarina and the mainland. The secondary Atlantic Forest is its predominant vegetation. One amphibian species, 4 reptile, 49 native bird, 2 non-native bird, and 3 mammal species were found. The low diversity of vertebrates is mainly due to the inexistence of fresh water springs and to human occupation and consequent environmental degradation.

Key words: Amphibia, Reptilia, Aves, Mammalia, Ratonés Grande Island, Brazil

Introdução

A Ilha de Ratonés Grande tem merecido destaque histórico em função da Fortaleza de Santo Antônio, o terceiro vértice do sistema triangular de defesa da barra norte da Ilha de Santa Catarina durante o período colonial (Machado, 1994).

Os registros de ocupação humana datam de 1740, quando do início da construção da Fortaleza. Foi utilizada como lazareto durante a segunda metade do século XIX, por ocasião de uma epi-

demia de cólera, que se alastrou pelo país. Posteriormente, como depósito de carvão para abastecimento dos navios da armada nacional, conforme documento datado de 1907 (Machado, 1994).

Os trabalhos de restauração desta Fortaleza, iniciados em 1990, num convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Ministério da Marinha, permitiram o desenvolvimento de um projeto de Turismo Educativo na Ilha.

No intuito de se dar continuidade a tal processo de educação, foi realizado o Projeto "Educação Ambiental e Levantamento Faunístico e Florístico na Ilha de Ratonos Grande, Florianópolis, SC".

Este trabalho lista as espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos registradas durante o transcorrer do projeto supracitado. São apontados alguns fatores que podem ter determinado a riqueza de espécies de cada um dos grupos amostrados.

Material e Métodos

Área de estudo

A Ilha de Ratonos Grande situa-se entre a Ilha de Santa Catarina, distando 2.050 m do Pontal da Daniela, e o continente, na altura dos municípios de Biguaçu e São Miguel; seu ponto central localiza-se a 27°29'30"S e 48°36'42"W. Seu maior comprimento é de 1.050 m e sua maior largura de 280 m, apresentando uma área total de 194.180 m² (Figura 1).

Fitofisionomicamente, a comunidade vegetal da Ilha de Ratonos Grande apresenta, em sua maior parte, formações típicas de Floresta Atlântica em diferentes estágios de sucessão, além de costões rochosos e uma pequena área com árvores de mangue-preto *Avicennia schaueriana* ao sul da Ilha.

No interior da floresta, as árvores mais frequentes são a falsa-espinaheira-santa (*Sorocea bomplandii* - Moraceae), o tanheiro (*Alchornea triplinervea* - Euphorbiaceae) e o camboatá-vermelho

(*Cupanea vernalis* - Sapindaceae). Outras árvores que se destacam por seu porte e/ou densidade são as canelas (*Nectandra* spp. - Lauraceae), as figueiras (*Ficus* spp. - Moraceae), o pau-mandio-ca (*Didymopanax angustissimum* - Araliaceae), o palmiteiro (*Euterpe edulis* - Arecaceae) e muitas mirtáceas. Jerivás (*Arecastrum romanzoffianum* - Arecaceae) atingem altas densidades no ecótono floresta-costão.

As poucas fontes naturais de água que podem ser encontradas na Ilha são salobras. Água doce só é encontrada em bromélias ou ocos de árvores e em poças temporárias em períodos de chuva.

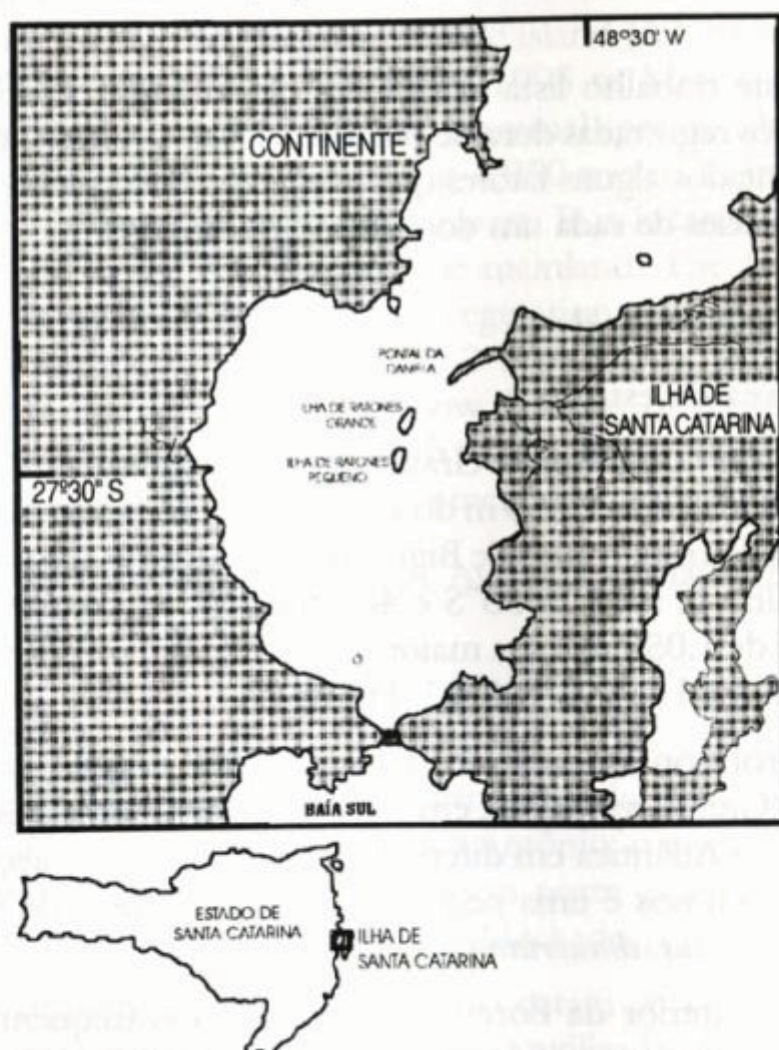


FIGURA 1 - Localização da Ilha de Ratoes Grande entre o continente e a Ilha de Santa Catarina

Metodologia

No período de abril de 1995 a março de 1996, foram realizadas saídas mensais de três dias consecutivos, objetivando o inventário das espécies de vertebrados da Ilha de Ratonas Grande.

De um modo geral, foram feitas caminhadas diurnas e noturnas no interior da Ilha e nos costões visando a observação direta de anfíbios, répteis, aves e mamíferos e a obtenção de vestígios.

A nomenclatura científica, ordem taxonômica e nomes populares dos anfíbios foram baseados em Heyer et al. (1990), de répteis em Lema (1994), de aves em Sick (1993). A nomenclatura científica e a ordem taxonômica de mamíferos baseou-se em Wilson e Reeder (1993) sendo os nomes populares de Silva (1994).

Entrevistas com os funcionários da Fortaleza foram realizadas objetivando um inventário prévio das possíveis espécies ocorrentes na Ilha.

As aves foram identificadas com auxílio de um binóculo (8 x 23) e/ou por sua vocalização. Foram realizadas 4 saídas de campo: 6 a 8 de maio, 30 de agosto a 1 de setembro, 22 a 24 de novembro de 1995 e 14 a 16 de março de 1996, totalizando 96 horas de amostragem. Os horários de observação das aves de hábitos diurnos foram concentrados principalmente do amanhecer às 10:00 ou 11:00 h da manhã e nas últimas horas do dia, antes do crepúsculo. Na tentativa de se registrar as aves noturnas, fez-se observações a partir do fim de tarde até as 23:00 h. A identificação das aves foi feita com ajuda de guias de campo (Belton, 1982; Dunning, 1987; Narosky e Yzurieta, 1987). Os cantos desconhecidos foram gravados em microcassete para posterior comparação com as gravações de Straneck (*Literature of Latin America: Canto de las aves de Misiones: I, II, Buenos Aires; Canto de las aves del noroeste selva y puna, Buenos Aires; Canto de las aves de los esteros y palmares, Buenos Aires*).

Para a amostragem de mamíferos terrestres utilizou-se também de armadilhas ("live traps") e redes-de-neblina ("mist-nets"). As armadilhas foram dispostas em dois transectos em linha no interior da floresta. No primeiro utilizou-se 20 armadilhas médias (18 x 23 x 40 cm), distas 10 metros uma da outra; a princípio a isca utilizada era composta de banana, laranja e carne, posteriormente passou-se a usar fatias de bacon. O segundo transecto foi dividido em 20 estações de coleta separadas por uma distância média de 10 m; em cada uma eram postas duas armadilhas pequenas (10 x 15 x 26 cm), uma no chão e outra a uma altura média de 2 m sobre plataforma, iscadas com rodelas de banana. As armadilhas foram armadas ao entardecer e revisadas pela manhã.

Para a captura de morcegos utilizou-se 4 redes-de-neblina de 4 x 2 m. As redes foram instaladas em clareiras dentro da floresta e nas proximidades da Fortaleza, das 17:30 h às 22:00 h, totalizando mais de 100 horas de esforço de coleta. Durante os anos de 1996 e 1997 foram realizadas ainda outras três saídas para a Ilha, buscando a confirmação da identificação de uma espécie de morcego que era normalmente avistada próximo à copa das árvores. Utilizou-se para isso uma rede suspensa a aproximadamente 5 metros do solo. Procurou-se por refúgios de quirópteros em grutas, cavidades entre rochas, em árvores e nas construções da Fortaleza.

Resultados

Ao longo deste estudo foram registradas uma espécie de anfíbio, quatro de répteis, 51 de aves e três de mamíferos. Uma lista com os nomes científicos e comuns das espécies, bem como das famílias e ordens a que elas pertencem, é fornecida na Tabela 1; as espécies exóticas não foram incluídas nesta listagem.

TABELA 1: Vertebrados identificados na Ilha Ratoes Grande, durante o período de abril de 1995 a março de 1996.

Ordem/família	Espécie	Nome popular
AMPHIBIA		
ORDEM ANURA		
Família Leptodactylidae	<i>Adenomera</i> sp.	Rã; razineira
REPTILIA		
ORDEM SQUAMATA		
Família Teiidae	<i>Tupinambis teguixin</i>	Lagarto-do-papo-amarelo; teiú
Família Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabuya</i>	Lagartixa
Família Amphisbaenidae	<i>Leposternon microcephalum</i>	Cobra-cega; cobra-de-duas-cabeças
Família Typhlopidae	<i>Typhlops reticulatus</i>	Cobra-cega
AVES		
ORDEM PELICANIFORMES		
Família Sulidae	<i>Sula leucogaster</i> *	Atobá
Família Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá
Família Fregatidae	<i>Fregata magnificens</i> *	Fragata
ORDEM CICONIIFORMES		
Família Ardeidae	<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena
	<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira
	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu
Família Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-comum
	<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha
ORDEM ANSERIFORMES		
Família Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê
ORDEM FALCONIFORMES		
Família Accipitridae	<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-rabo-curto
	<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó
Família Falconidae	<i>Milvago chimachima</i>	Gavião-carrapateiro
	<i>Milvago chimango</i>	Chimango
ORDEM CHARADRIIFORMES		
Família Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
Família Laridae	<i>Larus dominicanus</i> *	Gaiivotão
	<i>Larus cirrocephalus</i> *	Gaiivota-de-cabeça-cinza
	<i>Sterna hirundinacea</i> *	Trinta-réis-de-bico-vermelho
	<i>Sterna eurygnatha</i> *	Trinta-réis-de-bico-amarelo
Família Rynchopidae	<i>Rynchops nigra</i>	Talha-mar
ORDEM COLUMBIFORMES		
Família Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa
	<i>Columbina picui</i>	Picuí
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juruti-gemeadeira
ORDEM CUCULIFORMES		
Família Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato
ORDEM APODIFORMES		
Família Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	Andorinhão-coleira
Família Trochilidae	<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-grande-de-ventre-branco
ORDEM CORACIIFORMES		
Família Alcedinidae	<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande
ORDEM PASSERIFORMES		
Família Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro
Família Dendrocolaptidae	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde

TABELA 1 (Continuação)

Família Tyrannidae	<i>Camptostoma obsuletum</i>	Risadinha
	<i>Elaenia parvirostris</i>	Guaracava-de-bico-curto
	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo
	<i>Miyophobus fasciatus</i>	Filipe
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri
Família Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará
Família Hirundinidae	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-doméstica-pequena
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora
Família Corvidae	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	Gralha-azul
Família Troglodytidae	<i>Troglodytes aedon</i>	Corrufra
Família Muscicapidae	<i>Platycichla flavipes</i>	Sabiá-una
	<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira
Família Vireonidae	<i>Vireo chivi</i>	Juruviara
Família Emberizidae	<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita
	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra
	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula
	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tié-preto
	<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento
	<i>Tangara peruviana</i>	Safrá-preciosa
	<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul
	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico
MAMMALIA		
ORDEM DIDELPHIMORPHIA		
Família Didelphidae	<i>Didelphis aurita</i>	Gambá
ORDEM CHIROPTERA		
Família Vespertilionidae	<i>Myotis nigricans</i>	Morcego-borboleta-escuro
ORDEM CARNIVORA		
Família Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra

* indica aves marinhas, as demais são continentais

Os resultados de cada grupo estudado são apresentados detalhadamente a seguir.

ANFÍBIOS

Uma única espécie de anfíbio anuro foi constatada na Ilha de Ratos Grande. Trata-se de um animal de pequeno porte, com cerca de 2,5 cm de comprimento rostro-anal, tendo sido encontrado sob o folhiço do solo da floresta. É provável que esta espécie pertença à mesma registrada para a Ilha de Santa Catarina e a do Arvoredo: *Adenomera marmorata* (Garcia, em preparação). Contudo, diferenças na vocalização e no desenho dorsal fazem com que seja necessária uma melhor avaliação do táxon encontrado.

Embora existam informações dos funcionários da Fortaleza sobre a existência de um "sapo grande" na Ilha, nenhum outro anuro foi localizado durante as atividades de campo.

RÉPTEIS

Entre os répteis encontrados, o lagarto-de-papo-amarelo *Tupinambis teguixin* foi o mais comumente observado, principalmente nas horas mais quentes do dia termorregulando ao sol, tanto nas trilhas no interior da floresta quanto próximo aos costões.

As lagartixas *Hemidactylus mabuya* foram encontradas tanto dentro da Fortaleza quanto na floresta.

Um único ofídio foi capturado na Ilha, *Typhlops reticulatus*, e uma cobra-cega da família Amphisbaenidae, *Leposternon microcephalum*, ambos com hábitos fossórios.

Dentro do grupo das serpentes, foi relatada pelos funcionários a observação de uma "jararaca" e de duas "rateiras", entre os anos de 1990 e 1995. No entanto, não foram observadas ou reconhecidos quaisquer vestígios da presença de outras serpentes no local.

AVES

Das 51 espécies de aves encontradas, seis são marinhas e 45 são continentais. Duas delas foram introduzidas por funcionários da Fortaleza: o tangará *Chiroxiphia caudata* e a gralha-azul *Cyanocorax caeruleus*. Galinhas-domésticas *Gallus gallus domesticus* também foram encontradas.

Dentre todas as espécies residentes na Ilha, uma merece destaque pelo número de indivíduos encontrado. Trata-se do tesourão ou fragata *Fregata magnificens*, que constitui uma colônia-dormitório a sudoeste da Ilha, onde tem, nos jerivás, seu principal polei-

ro. Estima-se que cerca de 250 indivíduos retornem à Ilha ao entardecer para dormir. Apesar disto, acredita-se que a reprodução ocorra em outras ilhas da costa catarinense, como as dos Moleques do Sul, por exemplo.

Um bando de 26 irerês *Dendrocygna viduata* foi observado sobrevoando a Ilha às 07:20 h.

A presença de indivíduos jovens na Ilha indica que algumas espécies nidificam no local, dentre elas destacam-se as andorinhas-domésticas-pequenas *Notiochelidon cyanoleuca* e as corruíras *Troglodytes aedon* que aproveitam as fendas das construções da Fortaleza para fazerem seus ninhos. Os sabiás-coleiras *Turdus albicollis*, os tiés-pretos *Tachyphonus coronatus* e os tico-ticos *Zonotrichia capensis* constroem seus ninhos entre a vegetação.

Foi observado um casal de carrapateiros *Milvago chimachima*, com um filhote, sobrevoando a Ilha em todos os dias da última saída de campo, de modo que talvez também se reproduzam no local, assim como a juriti-gemeadeira *Leptotila rufaxilla*, por apresentar um número expressivo de até dez indivíduos, considerando-se o seu porte em relação ao tamanho da Ilha.

Além destas espécies, cabe ressaltar que foi registrada a presença de três indivíduos de saíras-preciosas *Tangara peruviana*, que constam no "Red Data Book" (Collar et al., 1992) como espécie vulnerável e rara.

MAMÍFEROS

O gambá *Didelphis aurita* foi o mamífero mais freqüentemente encontrado na Ilha. Foram capturados 25 machos e 25 fêmeas, obtendo-se respectivamente 43 e 44 capturas totais. Fêmeas com filhotes na bolsa ocorreram de outubro de 1995 a janeiro de 1996. Nenhuma captura foi registrada em armadilhas pequenas (Cherem et al., 1996).

Com o uso das redes-de-neblina foram coletados três indivíduos de morcego-borboleta-escuro *Myotis nigricans*, em 08 e 09 de abril e 06 de maio de 1996. Outros quirópteros pequenos também foram avistados sobrevoando uma área a sudoeste da Ilha e no interior da floresta, a partir do entardecer. Coletas posteriores (27/02/1997) resultaram na captura de um indivíduo da espécie já confirmada. Um morcego de maior porte foi visto próximo a uma área desmatada junto aos costões sem ter sido identificado. Relatos de morcegos grandes voando sobre o mar, junto aos costões, nos meses de março a maio, e um odor forte associado a eles são características do morcego-pescador *Noctilio leporinus*. As buscas por quirópteros em grutas, cavidades entre rochas, em troncos e nas construções da Fortaleza mostraram-se infrutíferas.

Sinais de lontras *Lontra longicaudis* foram encontrados em 11/10/95, representados por dois excrementos isolados, no costão sudeste da Ilha. Em função de seus estados de conservação, deveriam ter sido depositados há 1 e 3 semanas.

A introdução de um casal de tatus, possivelmente *Dasyus novemcinctus*, foi informada pelos funcionários da Fortaleza. O único registro que se obteve foi o de uma possível toca destes animais de pouca profundidade, devido ao afloramento de rochas.

Mamíferos domésticos também têm sido levados para a Ilha como camundongos, gatos e cães.

Discussão

A diversidade da biota de ilhas varia de acordo com a área, a idade da ilha, o isolamento geográfico, a distância entre continente e/ou ilhas vizinhas, a diversidade de habitats da ilha e a diversidade da biota colonizadora (Vieitas, 1995).

No decorrer deste estudo foi encontrado um baixo número de espécies de anfíbios, répteis e mamíferos. Além dos fatores mencionados por Vieitas (1995), a ocupação humana e conse-

qüente degradação ambiental também devem ser consideradas.

A área da Ilha de Ratonos Grande mostrou-se restritiva à diversidade faunística como esperado. No entanto, outros fatores influenciam limitando a ocupação dos outros grupos que não as aves.

O isolamento geográfico da Ilha é muito recente, há, no máximo, 8.000 anos (Correa, 1990), e sua distância do continente e da Ilha de Santa Catarina é de apenas 4.500 m e 2.050 m, respectivamente (Gaplan, 1986). Estes fatores aparentemente exerceram pouca influência na diversidade faunística apesar de as distâncias representarem uma barreira considerável à fauna terrícola.

Quanto aos habitats, a comunidade vegetal na Ilha de Ratonos Grande encontra-se bem diversificada, apresentando formação vegetal típica de Floresta Atlântica em sua maior área e em diferentes estágios de sucessão, espécies de costões rochosos e de manguezal.

A inexistência de fontes naturais de água doce constitui uma restrição à ocupação de vertebrados pois a água disponível limita-se àquela acumulada durante a chuva, principalmente em bromélias. Isto é particularmente restritivo aos anfíbios anuros, que dependem de corpos d'água para reproduzirem-se. No entanto, o registro de *Adenomera* sp., que não apresenta esta dependência visto que as espécies deste gênero desovam em ninho de espuma no solo úmido da mata sem necessitar de corpos d'água para a reprodução (Heyer et al., 1990), demonstra que outras espécies com hábitos semelhantes poderiam também estar presentes.

Já a potencialidade da biota colonizadora pode ser dita alta. A Ilha de Santa Catarina, que se encontra mais próxima da Ilha de Ratonos que o continente, possui um número bastante superior de espécies quando comparamos aos grupos similares na Ilha de Ratonos Grande (Tabela 2).

TABELA 2 - Número de espécies por grupo encontrados na Ilha de Ratonas Grande e na localidade mais próxima, a Ilha de Santa Catarina, e a área de ambas as ilhas. O número após a "/" em aves refere-se àquelas introduzidas; em mamíferos, o número anterior, aos quirópteros e posterior, aos mamíferos terrícolas.

ILHA	ANFÍBIOS	RÉPTEIS	AVES	MAMÍFEROS	ÁREA
Ratonas	1	4	49/2	1/2	0,19 km ² (5)
Santa Catarina	24 ⁽¹⁾	21 ⁽²⁾	264/3 ⁽³⁾	7/23 ⁽⁴⁾	451 km ² (6)

Fonte: P. Garcia (em preparação)⁽¹⁾; espécies depositadas na Coleção de Referência da UFSC⁽²⁾; Rosário (1996; com.pes. 1997)⁽³⁾; M. Graipel et al. (em preparação)⁽⁴⁾; Cherem et al. (1996)⁽⁵⁾; Gaplan (1986)⁽⁶⁾.

Em função da ocupação para construção da Fortaleza de Santo Antônio em meados do século XVIII, este ambiente insular foi sistematicamente degradado ao longo dos anos. A utilização de lenha e madeira é reportada por viajantes do século XIX (Duperrey-Lesson, 1822, apud Berger, 1996). Moradores mais antigos da região referem-se a cortes seletivos de madeira e da ocorrência de queimadas que teriam afetado a totalidade da cobertura vegetal.

A partir da concessão para restauração e manutenção da Fortaleza à Universidade Federal de Santa Catarina, a vegetação remanescente está se recuperando pois vem sendo preservada.

Com exceção de *Lontra longicaudis*, considerada visitante ocasional e de *Hemidactylus mabuya*, animal de fácil introdução acidental, os demais animais encontrados possuem hábito fossório, como *Typhlops reticulatus*, *Leposternon microcephalum* e *Adenomera* sp., abrigam-se em tocas, como o lagarto-do-papo-amarelo *Tupinambis teguixin* (Vanzolini et al., 1980; Sazima e Haddad, 1992), ou utilizam-se de cavidades sob rochas para abrigar-se, como *Didelphis aurita*, conforme constatado por Cherem et al. (1996). A presença quase exclusiva de fauna com características fossórias pode ser um indicativo da degradação pretérita da floresta local.

A presença de predadores potenciais de pequenos vertebrados, como *Didelphis* (Cordero e Nicolas, 1987; Emmons, 1990) e de *Tupinambis teguixin* (Vanzolini et al., 1980), aparentemente muito comuns na área de estudo, além da introdução de animais domésticos (gatos e cachorros), poderia também ser considerada um fator restritivo à diversidade da fauna terrícola.

Segundo Bege e Marterer (1991), uma análise confiável da qualidade do meio ambiente pode ser dada pela presença de determinados organismos que reajam de maneira rápida e sensível às suas alterações. Dentre estes indicadores biológicos, as aves apresentam grande destaque (Sick, 1985; Bege e Marterer, 1991; Luçolli e Koch, 1991; Silva, 1992), o que torna possível uma avaliação do status de conservação da Ilha de Ratonas Grande. Deste modo, a presença de *Leptotila rufaxilla*, característica do interior de florestas secundárias e primárias, e do arapaçu-verde *Sittasomus griseicapillus*, abundante em florestas primárias de acordo com Sick (1985), indicam uma boa qualidade ambiental da Ilha de Ratonas Grande.

As diferentes idades de deposição de excrementos de *Lontra longicaudis*, aliadas às informações fornecidas pelos funcionários da Fortaleza, sugerem que possivelmente grupos frequentem as águas da Baía Norte como área de forrageio, utilizando a Ilha como local de descanso.

Segundo Kruuk et al. (1986), *Lontra longicaudis* necessita da disponibilidade de tocas potenciais, as quais foram consideradas insatisfatórias nas margens da Ilha. Assim, a carência de tocas potenciais é possivelmente o fator de maior influência no modelo de ocupação encontrado.

Entre os Chiroptera, apenas *Myotis nigricans* foi registrado, sem que, no entanto, pudéssemos identificar a causa da baixa diversidade do grupo.

A possibilidade de ocorrência de outras espécies de mamíferos pode estar restrita à ordem Chiroptera. Dentre as es-

pécies possíveis, *Noctilio leporinus* pode ser considerada como um visitante ocasional nos meses mais quentes do ano, de acordo com as informações obtidas nas entrevistas.

Por tratarem-se de animais cavadores, os tatus encontram dificuldades de estabelecimento de uma população na Ilha, pois o afloramento de rochas e o solo bastante raso inviabilizam a construção de tocas como pode ser constatado.

Relatos de antigos viajantes enfatizavam a presença de serpentes na Ilha de Ratonés no início do Século XIX (Duperrey-Lesson, 1822 apud Berger, 1996) e uma grande quantidade de ratos deixados por piratas, o que teria dado o nome à Ilha, Ratonés (Lesson, 1822 apud Berger, 1996). Parece improvável o estabelecimento de uma população de ofídios não fossórios, predadores de pequenos vertebrados, uma vez que os recursos alimentares, principalmente pequenos roedores e anfíbios, são escassos.

A diversidade faunística encontrada parece estar associada ao tempo que o ambiente necessitou para se recuperar da degradação ambiental promovida pelo homem desde a ocupação da Ilha no século XVIII. Uma vez que as aves podem rapidamente cobrir a distância que separa a área de estudo das vizinhas, seu número não surpreende. Contudo, é possível que não tenha havido tempo suficiente para que outras espécies dos demais grupos faunísticos, que não aquelas já relacionadas, voltassem à Ilha e lá fixassem uma população. A deficiência de recursos hídricos, alimentares e de refúgios são importantes fatores restritivos à biodiversidade encontrados no decorrer do estudo.

Agradecimentos

Aos funcionários da Fortaleza de Santo Antônio e do DAEx pelo auxílio e colaboração no desenvolvimento deste trabalho que foi financiado pelo DAEx, órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Aos participantes do projeto, em especial aos pro-

fessores Carlos Pinto, Ademir Reis, Maíke H. de Queiroz e ao Biol. Eduardo Saliés pela participação e sugestões no decorrer do trabalho de campo e ao Dr. Paulo César Simões-Lopes pela revisão e sugestões do manuscrito.

Referências Bibliográficas

- Bege, L. A. R.; Marterer, B. T. P. 1991. **Conservação da avifauna na região sul do Estado de Santa Catarina - Brasil**. FATMA, Florianópolis, 56 pp.
- Belton, W. 1982. **Aves silvestres do Rio Grande do Sul**. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 169 pp.
- Berger, P. 1996. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. 4. ed. Editora da UFSC, Florianópolis, 334 pp.
- Cherem, J.J.; Graipel, M. E.; Menezes, M. E.; Soldateli, M. 1996. Observações sobre a biologia do gambá (*Didelphis marsupialis*) na Ilha de Ratonés Grande, Estado de Santa Catarina, Brasil. **Biotemas**, 9(2): 47-56.
- Collar, N. J.; Gonzaga, L. P.; Kraabe, N.; Madraño Nieto, A.; Naranjo, L. G.; Parker III, T. A.; Wegw, D. C. 1992. **Threatned Birds of the Americas**. Third Edition, part 2. ICBP/IUCN Red Data Book, Cambridge, 1151 pp.
- Cordero R., G. A.; Nicolas B., R. A. 1987. Feeding habits of the opossum (*Didelphis marsupialis*) in Northern Venezuela. **Fieldiana: Zoology**, n.s., 39: 125-132.
- Correa, I. C. S. 1990. Analyse morphostructurale et evolution paleogeographique de la plateforme continentale atlantique sud-brasilienne (Rio Grande do Sul - Brasil). **Tese de doutorado Université de Bordeaux I**, Bordeaux, França, 314 pp.
- Dunning, J. S. 1987. **South American Birds. A photographic aid to identification**. Newtown Square, Pennsylvania, 351 pp.

- Emmons, L. 1990. **Neotropical rainforest mammals. A field guide.** University of Chicago Press, Chicago, 281 pp.
- Gaplan. 1986. **Atlas de Santa Catarina.** Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral, Rio de Janeiro, 173 pp.
- Heyer, W. R.; Rand, A. S.; Cruz, C. A. G.; Peixoto, O. L.; Nelson, C. E. 1990. Frogs of Boracéia. **Arquivos de Zoologia**, 31 (4): 231-410.
- Kruuk, H.; Conroy, J. W. H.; Glimmerveen, U.; Ouwerkerk, E. J. 1986. The use of spraints to survey populations of otters: *Lutra lutra*. **Biological Conservation**, 35: 187-194.
- Lema, T. 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Comun. Mus. Ciênc. Tecnol. PUCRS, Sér. Zool.**, 7: 41-150.
- Luçolli, S. C.; Koch, Z. 1991. **Observando aves em Curitiba.** Fundação O Boticário, Curitiba, 14 pp.
- Machado, R. M. M. 1994. **Fortalezas da Ilha de Santa Catarina: Um Panorama.** Imprensa Universitária da UFSC, Florianópolis, 130 pp.
- Narosky, T.; Yzurieta, D. 1987. **Guia para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay.** Asociación Ornitológica del Plata, Buenos Aires, 345 pp.
- Rosario, L. A. 1996. **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente.** FATMA, Florianópolis, 326 pp.
- Sazima, I.; Haddad, C. F. B. 1992. Répteis da Serra do Japi: notas sobre história natural. *In*: Morellato, L. P. C. (org.). **História Natural da Serra do Japi - Ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil.** Editora da Unicamp/FAPESP, Campinas, p. 212-236.
- Sick, H. 1985. **Ornitologia brasileira. Uma introdução.** Universidade de Brasília, 2 v. Brasília, 827 pp.
- Sick, H. 1993. **Birds in Brazil. A natural history.** Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 703 pp.

- Silva, F. 1994. **Os mamíferos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 246 pp.
- Silva, W. R. 1992. As aves da Serra do Japi. *In*: Morellato, L. P. C. (org.). **História Natural da Serra do Japi - Ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil**. Editora da Unicamp/FAPESP, Campinas, p. 238-263.
- Vanzolini, P. E.; Ramos-Costa, A. M. M.; Vitt, L.J. 1980. **Répteis das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 161 pp.
- Vieitas, C.F. 1995. **Análise ambiental das Ilhas de Ubatuba (SP) e proposta de manejo para a Ilha do Mar Virado**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 130 pp.
- Wilson, D. E.; Reeder, D. M. 1993. **Mammal species of the world**. 2. ed. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C., 1207 pp.